



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

?Anthroposociologos?: Uma forma de ser e fazer Antropologia

Autoria: Damaris de Oliveira Santos (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O objetivo deste artigo é problematizar os paradigmas do fazer antropológico, a partir de uma narrativa imaginada baseada em memórias vivenciadas, através de uma ficção criada espelhada em um ?outro? atrelado a uma forte influência de tradição cristã e missionária junto a um grupo indígena . Neste sentido ?ela? é o ?outro? vista pela ótica de quem observa, é um reconstruir-se numa relação compartilhada em dado tempo. Discutiremos os principais conceitos que entram em conflito com a produção do saber científico (noções de diferenças; etnocentrismo; colonialismo; cultura...); alicerçados no pensamento de Goldman (2006) que a Antropologia pode ser vista ou não como ciência, que deve sempre buscar fazer melhores teorias antropológicas e que muitas vezes utiliza o método etnográfico a partir da observação participante. Com uma postura ética que permita desprender como somos afetados por aquilo que estudamos . Nos arriscamos juntamente com Verde (2000) a propor a anthroposociologos, também nos consola que devemos



nos prender em tentar entender aquilo que nos é caro e difícil de compreensão, sendo este o propósito da reflexão antropológica. Observamos as diferentes possibilidades de se pensar cultura por meio de Geertz; Sahlins; Manuela da Cunha; Descola e aproveitamos dentro dos limites a contribuição de cada um destes autores, a saber, interpretativo, histórico e simbólico. Desprendemos de Sahlins que a cultura sempre estará em transformação; Em Geertz a cultura é como um texto que permite interpretar o mundo; Manuela da Cunha que devemos pensar a cultura em aspas; e com Descola a superação da oposição do mundo dividido em meros conceitos binários. Também nos apropriamos da noção de tempo proposta por Fabian (2013) e a crítica da noção de espaço de Gupta (1992). Concluímos nestas breves páginas sobre pensadores que nos ajudam a compreender o papel da antropologia no mundo que por si mesmo parece afetado de muitas formas. Admitimos no início deste work que a Antropologia tem uma pretensão de ser científica e que alguns autores problematizam seu status, inclusive se está seria literatura, uma forma própria de fazer arte e poesia. A disciplina se torna de fundamental relevância uma vez que põe em cheque suas próprias ?verdades?, e contribui com o fazer científico ao repensar novas possibilidades de atuação no mundo. Devo questionar a mim mesma se fiz antropologia? E se consegui fazer realmente uma etnografia? Então a resposta para as duas perguntas seria talvez. Deixamos em aberto para o leitor, que com sua contribuição pode fazer sua própria interpretação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: